

# FMI: a dívida externa impede o crescimento.

No esforço para pagar sua dívida externa, os países em desenvolvimento sofrem uma forte desaceleração nas suas economias. E não podem mais prescindir de investimentos. Esta é uma constatação do Fundo Monetário Internacioal (FMI), trazida por uma equipe de oito representantes que participa da 25<sup>a</sup> Reunião de Governadores de Bancos Centrais do Continente Americano, no Rio.

Ainda segundo o FMI, o Brasil é um dos países que mais transferência de recursos vem fazendo, ao sair de um déficit de US\$ 16 bilhões (Cz\$ 2,2 trilhões) no saldo da corrente de 1982/83, para um superávit de US\$ 1 bilhão (Cz\$ 141 bilhões) em 1987.

A transferência de dinheiro preocupa os técnicos, pois no período de 1986 a 1987 os devedores pagaram aos credores, em conta corrente de obrigações creditícias, mais de US\$ 91 bilhões (Cz\$ 12,8 trilhões), saindo de uma posição deficitária de US\$ 86,9 bilhões (Cz\$ 12,2 trilhões), para um superávit de US\$ 4,4 bilhões (Cz\$ 620 bilhões).

O principal objetivo da 25<sup>a</sup> Reunião de Governadores é discutir modelos econômicos que melhor se ajustem às necessidades de recuperação dos países em desenvolvimento, na região. Segundo dados do FMI, até 1986 o crescimento econômico nos países industrializados atingiu a média de 3%, enquanto para 88 a previsão é de 2,7% e para 89, 2,9% — uma tendência não seguida pela quase totalidade dos endividados.

O Brasil vem procurando impor um programa de ajustamento da sua economia à questão da dívida externa. E, para a equipe do BC que participa do encontro do Rio, o processo de conciliar o ajuste financeiro com o crescimento econômico passa por três formas distintas. Primeira: a abordagem tradicional do FMI, em que seus programas são consistentes com o crescimento. Segunda: a retórica dos países industrializados — a conciliação depende de medidas que aumentem a oferta de bens e serviços. E terceira: tudo depende do prazo para a implantação do ajustamento e de recursos suficientes.